

ÍNDIGO

A maldição da moleira

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ÍNDIGO

A maldição da moleira

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Índigo é o pseudônimo de Ana Cristina Ayer de Oliveira, nascida em Campinas em 29 de agosto de 1971. Durante boa parte de sua vida, estudou na escola Dom Barreto, um colégio católico em sua cidade-natal, que não lhe deixou boas lembranças. Formou-se em jornalismo pela Universidade do Estado de Minnesota, nos Estados Unidos, conhecida também como Mankato, porém, nunca exerceu a profissão por falta de interesse naquilo que ela costuma chamar de “informações reais, objetivas e factuais”. O pseudônimo surgiu logo que ela começou a publicar seus contos pela internet, em 1998. Alguns anos depois, em 2001, deixou a agência

de publicidade onde trabalhava para se dedicar inteiramente à carreira literária.

Começou de modo inusitado, distribuindo pela cidade de São Paulo 500 cartazes que diziam “Contrate uma Escritora / Originalidade Garantida”. A jogada funcionou e Índigo começou a receber vários convites de trabalho, como para fazer vinhetas para a MTV, roteiros de animação para o Cinemágico da Disney e curtas-metragens. Em pouco tempo, já estava sendo entrevistada pelo apresentador Jô Soares. Em 2005, começou a escrever contos no caderno de temática infantil da *Folha de S.Paulo*, a “Folhinha”, afirmando, assim, sua preferência para com as crianças. Em 2006, o Ministério da Educação concedeu a ela o prêmio Literatura para Todos pelo seu livro *Cobras em Compota*.

RESENHA

Essa peculiar e surpreendente narrativa é contada em primeira pessoa por Heitor, que, para todos os efeitos, poderia ser considerado um bebê comum, como qualquer outro. A não ser por um fato curioso e irreversível: sua avó, que tinha resistido no caso dos sete netos anteriores, cedeu finalmente à tentação de apertar-lhe a moleira – de modo que o pequeno ser, ainda totalmente dependente e sem controle algum dos próprios músculos, tornou-se vítima da pior das maldições: adquirir consciência.

A partir desse episódio, acompanharemos eventos aparentemente corriqueiros da trajetória de um bebê que se desenvolve: os brinquedos no berço, o contato com o pai, a relação com o irmão mais velho, o primeiro passeio, a primeira viagem, uma ruidosa festa de aniversário de criança, os passos iniciais, a tentativa de proferir as primeiras palavras... Tais acontecimentos, porém, vistos da perspectiva de um ser que tem plena consciência de tudo o que se passa, revestem-se de um tom de aventura e estranhamento. Heitor o tempo todo se interroga e tira conclusões sobre o ambiente que o cerca e esforça-se para tornar-se autossuficiente e conquistar a tão almejada dignidade. O cubo de brinquedo, os palhaços do móbile, o crocodilo e Laa-Laa, o boneco Teletubbies, todos adquirem inesperada personalidade.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

A riqueza do jogo proposto pela autora é a exploração do desnível entre fatos banais que o leitor reconhece prontamente como verossímeis e o aspecto alternadamente angustiante, sério e surpreendente que adquirem para o personagem-narrador. Heitor, em comum com a imagem clichê que nós fazemos de um bebê adorável e indefeso, possui apenas a aparência: é questionador, aventureiro, altamente crítico e zela ardorosamente pela própria independência. É particularmente interessante observar como o personagem é consciente da maneira pela qual os adultos o veem, se incomoda com ela, porém, muitas vezes, explora seu aspecto superficial de criança fofinha para conseguir o que quer.

Trata-se de uma obra interessante tanto para crianças quanto para adolescentes e adultos: é quase inevitável que, no momento da leitura, nos perguntemos o que, afinal, nos passava pela cabeça enquanto vivenciávamos essas mesmas degradantes e esfuziantes situações.

QUADRO-SÍNTESE

Palavras-chave: consciência, infância, autonomia, família, desenvolvimento.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências.

Tema transversal: ética.

Público-alvo: leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele a seus alunos o título do livro. “Moleira” é uma palavra pouco comum: estimule-os a encontrar definições no dicionário. Há sentidos possíveis muito distintos: “mulher de moleiro”, “mulher que trabalha em moinho” e “parte membranosa do crânio das crianças antes de sua completa ossificação”. Qual desses sentidos, em princípio, lhes parece mais provável? O que poderia ser a tal maldição?
2. Mostre aos alunos a capa do livro. Provavelmente lhes será mais fácil optar por um dos sentidos da palavra.
3. Leia com eles o texto da quarta capa. Em que medida adquirir consciência pode ser entendido como uma maldição? O que eles imaginam que passe pela cabeça de um bebê?
4. Mostre aos alunos o sumário do livro e verifique se, a partir dele, conseguem prefigurar algumas das situações que serão vividas pelo protagonista da obra. Provavelmente, reconhecerão alguns nomes, como Laa-Laa, personagem dos Teletubbies, e Pikachu, o famoso pokémon.
5. Por fim, leia com os alunos a seção “Autor e obra”, no final do livro, para que saibam um pouco mais a respeito do universo de Índigo. Veja se notam como a autora opta por uma apresentação não convencional, privilegiando informações sobre os bichos que visitam sua chácara e deixando

de lado dados que tradicionalmente aparecem enumerados em um currículo. Estimule-os a procurar saber mais sobre sua trajetória, bem como a visitar o seu *blog*, o interessantíssimo <http://diariodaodalisca.zip.net/>, em que ela posta constantemente pequenos fragmentos sucintos e autobiográficos.

6. Comente que o nome Índigo é um pseudônimo e explique que esse recurso é utilizado por inúmeros escritores, músicos e figuras célebres. Estimule-os a pesquisar exemplos de figuras conhecidas por seus pseudônimos, como Marilyn Monroe (Norma Jeane Mortensen), Lady Gaga (Stefani Joanne Angelina Germanotta), Woody Allen (Allan Stewart Königsberg) e Silvio Santos (Senor Abravanel).

Durante a leitura

1. Estimule-os a verificar se o personagem de fato passa por algumas das situações enumeradas por eles.

2. Oriente-os a notar a desproporção entre a maneira como muitas situações da narrativa são encaradas pelos adultos e pelo narrador-personagem.

3. O personagem, embora consciente desde o início, vai acumulando sensíveis progressos no decorrer da história. Peça a seus alunos que atencem para essas mudanças e procurem notar em que momentos há uma passagem significativa de tempo de um parágrafo para outro.

4. Proponha também que observem o modo como a autora cria efeitos de humor e ironia.

5. Diga a seus alunos que organizem uma lista das palavras pelas quais os adultos normalmente se dirigem ao bebê e que o incomodam profundamente.

Depois da leitura

1. Por que será que a autora opta por interromper a narrativa justamente no momento em que o personagem ensaia proferir as primeiras palavras? Discuta o assunto com a turma.

2. Convide um professor de Biologia para dar uma aula detalhada para a turma a respeito das etapas de desenvolvimento do corpo humano de um bebê até a idade adulta. Em determinado

momento, o narrador comenta como um bebê humano é muito mais frágil e despreparado do que os filhotes da maior parte dos animais. Sugira que o professor fale um pouco sobre o assunto, traçando comparações entre o desenvolvimento humano e o de outras espécies.

3. O narrador-personagem sente-se muitíssimo orgulhoso quando o Comandante Oscar o chama pelo nome, Heitor – que lhe parece muito mais digno do que pequerrucho. Estimule seus alunos a realizar uma pesquisa a respeito da figura grega mítica de Heitor, o maior e mais forte dos guerreiros troianos da *Ilíada*. Chame atenção para o contraste entre o nome e a debilidade física do personagem.

4. Selecione alguns fragmentos do terceiro e quarto capítulos do romance *O Tambor*, de Günter Grass, cujo protagonista, Oskar, se mostra plenamente consciente desde a mais tenra infância e opta deliberadamente por permanecer para sempre com a aparência física de três anos. Pode ser interessante passar para a turma fragmentos correspondentes do filme homônimo de Volker Schlöndorff. Estimule-os a encontrar semelhanças e diferenças entre as atitudes dos protagonistas da obra do autor alemão e da autora brasileira.

5. Heitor se mostra o tempo todo incomodado com o seu tamanho, dependência e fragilidade. Macunaíma, o célebre herói-sem-caráter de Mario de Andrade, sente um incômodo semelhante, porém, resolve seu problema com um balde de caldo de aipim, que lhe deixa repentinamente do tamanho de um adulto, conferindo-lhe uma maioria falseada. Assista com a turma ao início do filme homônimo de Joaquim Pedro Andrade e selecione um fragmento do texto para ser lido em classe. Converse sobre as diferentes atitudes dos personagens que analisamos até então: Heitor, que se esforça para desenvolver-se o mais depressa que pode; Oskar, de *O Tambor*, que se recusa a crescer; e Macunaíma, que se utiliza de uma trapaça para tornar-se adulto sem muito esforço.

6. Quando a mãe fica desesperada ao ver o pequeno Heitor soltando areia pela boca, o pai a tranquiliza dizendo que o garoto encontra-se na fase oral, citando inúmeros exemplos de crianças que colocavam coisas inusitadas na boca na mesma fase, e de uma menina que arrancou a roupa

no supermercado durante a fase genital. Explique que esses termos dizem respeito às fases de desenvolvimento da criança segundo a psicanálise freudiana. Caso queira se preparar, consulte o ensaio sobre sexualidade infantil que se encontra em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Sigmund Freud.

7. Releia com seus alunos o capítulo 7, “O cubo se manifesta”, em que o cubo de pelúcia dá uma lição marcante a Heitor. Discuta com seus alunos sobre a relação entre imaginação e realidade, detendo-se especialmente no fragmento:

“Primeira coisa: não fique aí todo orgulhoso por ter conhecido a realidade do parque. Não desdenhe Crock, Laa-Laa, Coelho e a mim por não vivermos no mundo real. Não nos menospreze por sermos seres movidos à imaginação. Temos nossa importância, e durante os próximos anos seremos bem mais interessantes que o mundinho real. Isso, enquanto você for criança. Depois você vai entrar na adolescência, e vai passar a nos ignorar e achar que éramos uma infantilidade. Quando você se tornar adulto, poderá enfim decidir o que fazer com sua imaginação. A maioria das pessoas prefere deixar a imaginação de lado, mas esta será uma decisão pessoal sua. Caso queira voltar a nós, estaremos aqui. Mas por enquanto você é novo demais pra ficar aí todo cheio de si, com seu racionalismo precoce. Por isso baixa a bola e trate de nos respeitar. É isso”.

8. O que torna o livro de Índigo particularmente interessante é sua opção por um narrador em primeira pessoa que é consciente, porém, não pode falar, de modo que é constantemente mal interpretado pelos outros. Proponha a seus alunos um desafio semelhante: escrever uma narrativa, também em primeira pessoa, do ponto de vista de um dos brinquedos do berço de Heitor (o Cubo, Laa-Laa, o Coelho ou Crocodilo Croc), dos palhaços do móbile ou do gato Álvaro. Sugira que levem em conta as características desses personagens propostas por Índigo. Proponha que assinem o texto com um pseudônimo.

DICAS DE LEITURA

► da mesma autora

O livro das cartas encantadas. São Paulo: Brinque-Book.

Moscas Metálicas. São Paulo: Escala.

O colapso dos bibelôs. São Paulo: Moderna.

► do mesmo gênero

Flush: memórias de um cão, de Virginia Woolf. São Paulo: L&PM.

Eu sou um gato, de Natsume Soseki. São Paulo: Estação Liberdade.

David Copperfield, de Charles Dickens. São Paulo: Hemus.

O apanhador no campo de centeio, de J. D. Salinger. Rio de Janeiro: Editora do Autor.